



## GEOGRAFICIDADE E LUGARIDADE EM COMUNIDADES RIBEIRINHAS NO MÉDIO RIO AMAZONAS

Dilson Gomes Nascimento <sup>1</sup>

### RESUMO

O presente texto é uma provocação para pensarmos a vida ribeirinha, dos moradores da várzea do médio rio Amazonas, em Parintins-AM, à luz da ontologia, a qual possa nos direcionar para outros entendimentos nem tanto convencionais entre os geógrafos que se dedicaram ao estudo dos ribeirinhos e seus ambientes na várzea Amazônica. A pesquisa de doutorado está sendo realizada em duas comunidades ribeirinhas, no médio rio Amazonas, município de Parintins, estado do Amazonas. O objetivo é compreender como as relações intersubjetivas entre os ribeirinhos e as várzeas, manifestam-se na formação da identidade dos ribeirinhos do médio rio Amazonas. A pesquisa segue os pressupostos da fenomenologia, do lugar, e segue os caminhos da pesquisa participante.

**Palavras-chave:** Lugar; Ribeirinhos, Médio rio Amazonas.

### RESUMEN

El presente texto es una provocación para reflexionar sobre la vida ribereña de los habitantes de la llanura aluvial del medio rio Amazonas, a la altura del municipio de Parintins-AM, a la luz de la ontología, lo que puede conducirnos a otros entendimientos menos convencionales entre los geógrafos que se han dedicado al estudio de los habitantes de las riberas y sus entornos en la llanura aluvial del Amazonas. La investigación doctoral se está realizando en dos comunidades ribereñas, en el medio río Amazonas, municipio de Parintins, estado de Amazonas. El objetivo es comprender cómo las relaciones intersubjetivas entre los habitantes de las riberas y las llanuras aluviales se manifiestan en la formación de la identidad de los habitantes de las riberas en el medio río Amazonas. La investigación sigue los supuestos de la fenomenología y el lugar, siguiendo los caminos de la investigación participante.

**Palabras clave:** Lugar, Habitantes de las riberas, Medio río Amazonas.

### INTRODUÇÃO

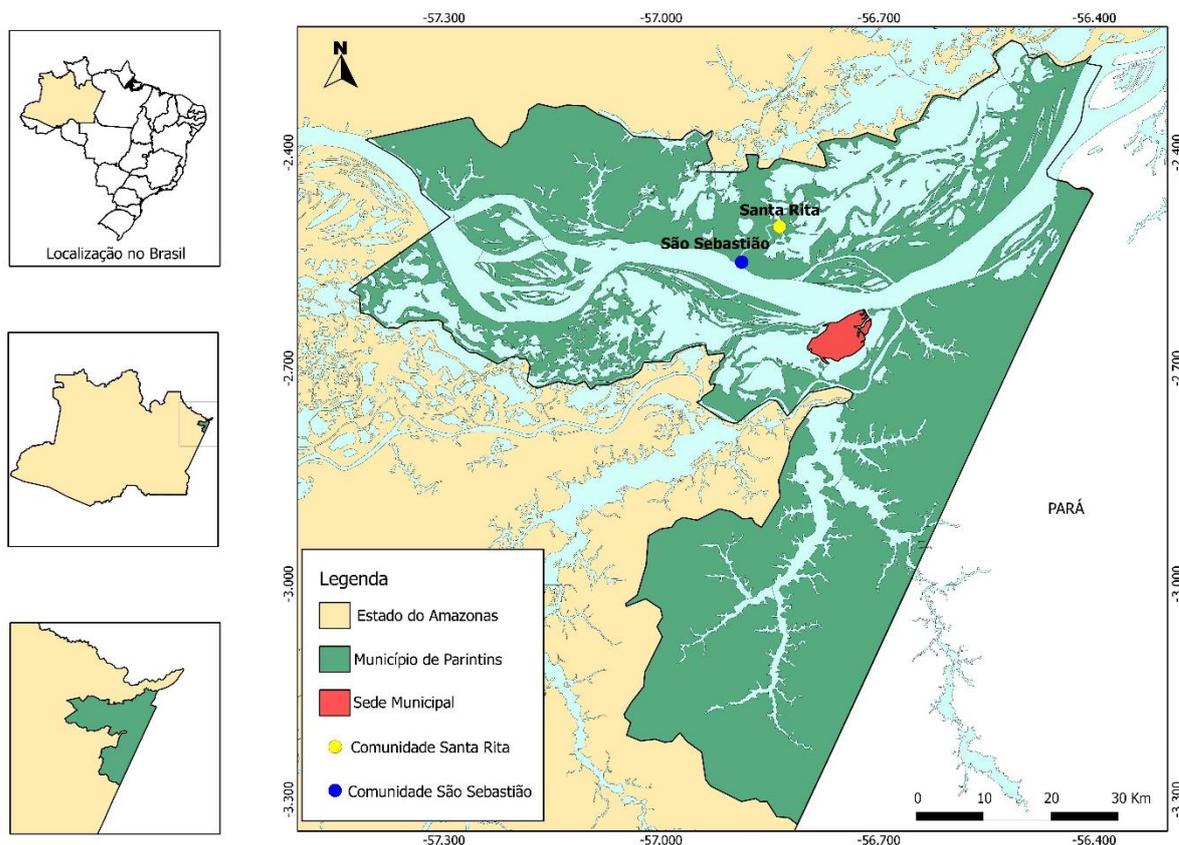
A escolha do tema desta pesquisa possui estreita relação com as vivências pretéritas do próprio pesquisador, o qual teve sua infância e parte da adolescência vividas *como e entre* (como morador) os ribeirinhos do lugar chamo “Boto” (Figura 1), o mesmo lugar que tempos depois, já no curso de mestrado, também passou a ser o lugar para sua pesquisa e elaboração da dissertação. Nossas raízes nos fazem refletir sobre a nossa construção enquanto sujeitos e

---

<sup>1</sup> Doutorando em geografia no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Amazonas PPGEOG/UFAM, sob orientação da Professora Doutora Amélia Regina Batista Nogueira, [dilson.gomes.nascimento@seducam.pro.br](mailto:dilson.gomes.nascimento@seducam.pro.br);



pesquisadores. Dessa forma, procuramos a formação científica e como pesquisador sempre refletindo sobre a realidade ribeirinha de onde viemos.



Bases Cartográficas: IBAMA, 2010.  
Organizadores: Rildo Marques e Dilson Nascimento, 2015.  
Fonte: Nascimento (2016).

Essas comunidades ficam completamente submersas durante a subida das águas do rio Amazonas entre os meses de abril a junho (figura 2). Durante esse período algumas famílias migram para as terras mais altas, as terras firmes, não inundáveis, onde permanecem até o recuo das águas por volta do mês de julho.



Figura 2: “Área Central” das comunidades durante a enchente/cheia e vazante/seca. Fotos: Nascimento, D. G. Arquivo pessoal, 2014-2015.



As muitas paisagens das geografias das várzeas do médio rio Amazonas exibem as marcas tanto das águas, quanto da relação humana com esses ambientes. Ao adentrar na casa de um ribeirinho, teto e paredes já nos falam sobre seus moradores (figura 3). Ao mesmo tempo, as moradias exibem marcas *da e na* paisagem que mostram registros dos níveis anuais da subida das águas (figura 4). É sobre esse lugar que esta pesquisa aborda, lugar de existência do ribeirinho construída por meio de suas relações intersubjetividades com a várzea.



Figura 3: Casa ribeirinha. Foto: Nascimento, D. G. Arquivo pessoal, agosto de 2014.



Figura 4: As marcas na e da paisagem. Foto: Nascimento, D. G. Arquivo pessoal, agosto de 2014.

Este trabalho de pesquisa deve contribuir com uma proposta teórica e metodológica para a abordagens de estudos sobre os ribeirinhos amazônicos dentro da geografia. Ao mesmo



tempo, contribuirá para o conhecimento sobre os ribeirinhos, seu mundo vivido, sua lugaridade e geograficidade, bem como a relação desses aspectos com a identidade desses sujeitos. Pretende-se ainda, a qualificação do pesquisador para a atuação em projetos de desenvolvimento junto às comunidades “São Sebastião do Boto” e “Santa Rita do Boto” como forma de contribuição, retorno e aplicação dos conhecimentos adquiridos na trajetória acadêmica.

Por inúmeras vezes nos deparamos com falas sobre os ribeirinhos e seus espaços de vida. Mas, quase sempre essas falas são uma tentativa de nomear ou descrever pura e simplesmente os sujeitos sociais que moram próximos aos cursos d’água. Essa postura não nos permite (re)conhecer como essa ligação homem ribeirinho e a terra manifesta-se, e principalmente, como ela contribui para a formação identitária desses sujeitos. O problema aqui apontado envolve a própria forma de abordagem de diversas pesquisas entre os povos ribeirinhos, as quais, partindo de dados objetivos, não dão conta da dimensão subjetiva do mundo da vida desses sujeitos. Nesses trabalhos:

Os fenômenos são descritos muitas vezes de forma distanciada, o mundo da existência e seus significados, quase sempre são entendidos como dados das subjetividades, e a ciência é objetiva, além de que a ciência prima por verdades mais eternas, daí uma flor não interessar para o geógrafo (NOGUEIRA, 2020, p. 11).

Recorremos aqui à analogia realizada por Nogueira (2020) entre o embate dos personagens da obra “O Pequeno Príncipe”, de Exupéry, com a própria prática científica dos geógrafos, onde nossos trabalhos falam muito mais daquilo que queremos mostrar, que achamos mais importante sobre o outro, sem considerar as vozes, os mapas, a percepção dos próprios sujeitos sobre seus mundos. A autora, ao citar aquilo que aparece como importante para o pequeno príncipe, e insignificante para o geógrafo, nos convida a repensar nossas abordagens teóricas e metodológicas ao falarmos do outro.

Como a flor não iria estar na descrição do planeta do pequeno príncipe, se ela era o que tinha de mais importante, no seu planeta? E aqui lembramos Husserl, que nos chama atenção de que “é preciso que o pensamento filosófico retorne as suas origens dando-se como ponto de partida, não mais as opiniões dos filósofos, mas a própria realidade. (Husserl, 1955, p.77), seja essa visível ou invisível. O diálogo dos personagens imaginados por Exupéry, nos leva a pensar nos caminhos percorridos pela ciência geográfica, e esses muitas vezes se distanciaram do mundo vivido, do mundo da experiência, do mundo tal qual ele se apresenta (NOGUEIRA, 2020, p. 11).



Ao negar a descrição de algo, ainda que inconscientemente, o geógrafo e/ou os cientistas sociais, correm o risco de negar aspectos importantes da existência do outro – de seu mundo, do seu lugar, da sua história – do ribeirão, no caso particular da nossa pesquisa.

Desta forma compreendemos que ao estar e ser no mundo, faço dele o meu lugar, sendo esses não a totalidade do mundo, mais aquela parte que para mim é singular, no qual faço minha história, dando significado para cada coisa que aí está, e que tenho uma relação de existência, como a relação do pequeno príncipe com a flor, que mesmo efêmera marca uma história com o lugar e suas paisagens, daí podemos pensar uma Geografia que olha o mundo, e aqui já podemos pensar o mundo enquanto a Terra, e essa, por sua vez, ser pensada a partir dos diferentes olhares, dos diversos sujeitos que habitam os mais variados lugares e caminham, compreendendo suas diferenças, assim, produzem nela diversas formas de paisagens ao longo do tempo (NOGUEIRA, 2020, p. 12-13).

Nossa pesquisa pretende partir do mundo vivido dos ribeirinhos para conhecer suas lugaridades e geografidades, e poder identificar como estas relacionam-se e/ou contribuem para a formação identitária dos ribeirinhos no Médio Rio Amazonas.

O sentido de “mundo” aplicado aqui é uma aproximação com a afirmação de Holzer (2013, p. 22): “A essência de ser “mundo” é de um pertencimento integral entre o ser e as coisas para as quais ele intencionalmente se volta, ou seja, ser e coisas constituem um fenômeno complexo que alguns geógrafos, com muita propriedade, chamam de espaço vivido, ou melhor, mundo vivido”.

Os estudos sobre os ribeirinhos na Amazônia (Tabela 1) ganham vários contornos, formas e focos dependendo das orientações teóricas e metodológicas dos autores. Não queremos traçar críticas aos diversos trabalhos realizados, mas lançar um debate sobre as abordagens alternativas para a realidade (DEMO, 1995), e sobre o que elas podem nos mostrar sobre o mundo vivido daqueles que a constrói.

Tabela 1: Abordagens ribeirinhos dos estudos Amazônicos.

<b>Autores(as)</b>	<b>Abordagens</b>
Fraxe (2000)	“Homens anfíbios” – adaptação humana
Cruz (2007)	“Camponês-ribeirão”
Noda (2007)	“Povos das Águas”
Benchimol (2009)	“Povos Ribeirinhos” – generalização
Batista (2012)	“Produção/reprodução/adaptação”
Nogueira (1994; 2007; 2014)	“Geograficidade – mapas mentais”
Brasil (2015)	“Percepção e representação”
Nascimento (2017)	“Resiliência e adaptabilidade”
Santos (2020)	“Corpo-natureza-cultura”

Org.: Nascimento, 2021.



Então, lançamos como problema desta pesquisa a forma como o “ser ribeirinho” pode ser conhecido nos estudos acadêmicos a partir do seguintes questionamentos: Como o ser ribeirinho pode ser conhecido nas abordagens geográficas? Ou, Como a geografia pode contribuir para a identificação dos ribeirinhos e seus relações com seu espaço vivido manifestos na identidade dos sujeitos? Nesse sentido, esta pesquisa tem por objetivo compreender como as relações intersubjetivas entre os ribeirinhos e as várzeas, manifestam-se na formação da identidade dos ribeirinhos do médio rio Amazonas. Os conceitos basilares desta pesquisa são: Lugaridade e geograficidade (HOLZER, 2012; NOGUEIRA, 2014; DARDEL, 2011), ser no mundo (HOLZER, 2012); percepção (MERLEAU-PONTY, 1996); mapas mentais (NOGUEIRA, 2014).

## CAMINHOS DA PESQUISA

A pesquisa segue uma perspectiva fenomenológica, buscando em seus pressupostos uma inserção nos fenômenos de modo que estes possam ser descritos como o são, através do retorno às coisas mesmas, às essências que nos permitam conhecer a identidade ribeirinha no médio rio Amazonas (figura 5).



Figura 5: Proposta metodológica. Org.: Nascimento, D. G. Novembro de 2021.



O trilhar da pesquisa será pelas comunidades São Sebastião do Boto e Santa Rita do Boto. O encontro com esses ribeirinhos tem motivação pessoal e profissional do pesquisador que é filho dessas comunidades, onde também realizou sua pesquisa de mestrado tendo como foco o modo de vida camponês-ribeirinho. Especialmente, esses dois lugares estão dispostos margeando o rio Amazonas e, ao mesmo tempo encravados no complexo lacustre Macuricanã, na área de várzea do município de Parintins, extremo leste do estado do Amazonas. No período das águas altas, a ligação com as localidades próximas dá-se exclusivamente por via fluvial e, durante as águas baixas, há relativa contiguidade das terras da várzea em direção à terra firme. O acesso a elas, partindo da sede municipal, é exclusivamente por via fluvial o ano inteiro, numa viagem de barco com duração aproximada de duas horas.

Os registros dos moradores mais antigos mostram que por volta do final do século 19, famílias ribeirinhas já estavam vivendo nesses lugares. Isso motivou desde o início o interesse pelos estudos referentes às comunidades ribeirinhas no médio rio Amazonas, por visualizarmos registros de tempos diversos representados na paisagem e manifestos na vida dos seus moradores.

Nossa proposta metodológica pretende dar voz aos sujeitos, à percepção, às suas experiências com seus lugares e paisagens que marcam sua própria existência. Nos importa antes conhecer o que os sujeitos têm a nos dizer e mostrar e fazermos a partir disso uma geografia dos ribeirinhos. Nossa pesquisa não pretende partir de proposições científicas explicativas do mundo, mas o contrário, partir das vivências, da realidade dos sujeitos para construir uma explicação científica de seu mundo.

À vista disto, podemos entender que ser é estar. A partir desses caminhos pretendemos fazer uma Geografia que comece pelas experiências pré-científicas, pelas experiências de quem vive, percebe e constrói os lugares. Assim como entendermos as intersubjetividades entre os homens, mulheres e a Terra, retomar o princípio da descrição, da grafia da Terra, descrever os lugares vividos a partir daqueles que os vivenciam, despertando a experiência que cada um tem com a Terra e seus lugares e paisagens, lembrando que a Geografia é o saber e o conhecimento científico que ao longo da história da Terra a descreve e a representa, desvelando inúmeros lugares e paisagens (NOGUEIRA, 2020, p. 13).

Para conhecer como a identidade ribeirinha manifesta-se nesses lugares intentamos navegar com os moradores pelos seus espaços em diferentes momentos do ano. Se a vida ribeirinha possui seu ritmo/tempo próprio precisamos aportar nesses lugares não aleatoriamente, mas seguindo seu percurso normal, sua vida durante as águas altas (abril-junho)



ou baixas (outubro-janeiro). Assim, propomos a vivência do pesquisador junto aos ribeirinhos por meio da pesquisa participante, a qual será utilizada com o objetivo de conhecer as atitudes ambientais dos sujeitos e, ao mesmo tempo, de verificar como estas contribuem para a formação identitária dos ribeirinhos.

Lançaremos mão do uso dos mapas mentais como recurso para compreendermos as lugaridades ribeirinhas, entendendo-os como parte da representação de seu mundo vivido (NOGUEIRA, 1994). Os sujeitos tendem a representar em seus mapas mentais aquilo que é mais representativos para ele, ou seja, o que representa o Lugar (NOGUEIRA, 2014), ao mesmo tempo, torna-se necessária conhecer as motivações (a geograficidade e a lugaridade) que estão por trás dessas representações. Conhecer o lugar e quem o vive demanda observação, convivência, diálogo, escuta e tempo para que o encontro com os ribeirinhos não se reduza a idas e encontros esporádicos do pesquisador.

As etapas que a pesquisa devem ser construídas ou alinhadas ao longo dos contatos com os ribeirinhos, pois, traçar um percurso fechado de início poderia nos conduzir a resultados mais nossos que propriamente daquilo que os sujeitos teriam para nos mostrar acerca de seu lugar. Academicamente, poderíamos situar a pesquisa em momentos com os ribeirinhos: a) o diálogo sobre os objetivos dessa pesquisa; b) a definição de roteiros, caminhos, que nos permitam transitar entre o real (lugar e paisagem) e as essências, a identidade dos ribeirinhos; c) reflexão sobre o mundo vivido dos ribeirinhos à luz dos referenciais teóricos da pesquisa.

Os sujeitos sobre os quais nossa pesquisa pretende dialogar referem-se aos moradores das duas comunidades pesquisadas, homens e mulheres maiores de 18 (dezoito) anos de idade. O primeiro encontro com os ribeirinhos será coletivo, com todos os moradores para a apresentação da proposta de pesquisa, a ser realizado em dezembro de 2021. A *vivência com os moradores e as rodas de conversas* serão realizadas da seguinte forma:

- a) Serão escolhidas, 4 (quatro) famílias, em cada comunidade para a permanência do pesquisador, que deverá ocorrer durante dois períodos distintos do ano, sendo o primeiro nos meses de janeiro e fevereiro de 2022, com a permanência aproximada de 15 (quinze) dias com cada família. O segundo momento com essas famílias será nos meses de junho e julho. A escolha das famílias será da seguinte forma: duas famílias deverão possuir terrenos tanto em várzea (inundável), quanto em terra firme (não inundável) ou, neste último caso, se a família não possuir o terreno em terra firme deverá possuir o hábito de migrar para a terra firme durante a inundaçã



várzea. A escolha dos meses (janeiro-fevereiro, junho-julho) para esta etapa da pesquisa obedece à observação dos momentos em que as famílias estão na várzea (janeiro-fevereiro) ou na terra firme (junho-julho). Além de acompanhar as famílias em suas atividades diárias, esse momento também será dedicado à realização dos mapas mentais pelas famílias.

- b) As rodas de conversas serão realizadas de dezembro de 2022 a fevereiro de 2023. Os encontros coletivos serão realizados nas sedes das comunidades (igrejas, escolas ou centro social comunitário), com o número de participantes que os locais comportem (a partir de vinte pessoas). Poderão ser convidados pelos pesquisadores, indicados pelos seus pares ou por vontade própria, homens e mulheres maiores de dezoito anos de idade, que tenham a disponibilidade de conversar sobre os aspectos referentes às suas vivências nas várzeas e como isso manifesta-se na formação identitária dos ribeirinhos. Serão utilizados cadernos e canetas para anotações pelos participantes, bem como papel A4 – 21,0 cm x 29,7 cm, e/ou Cartolina, 50 x 65 cm, para a elaboração dos mapas mentais coletivos e demais dinâmicas das atividades. Algumas perguntas geradoras serão utilizadas para mediar as conversas: “Como você se percebe nesse lugar?”, “O que lhe lembra desse lugar quando você encontra-se distante daqui?”, “Para você, o que lembra a comunidade do Boto?”. Será solicitado aos ribeirinhos que possuam fotografias e álbuns antigos de família que tragam para os encontros, e a partir desses, possam descrever o que elas representam e como elas identificam a própria família ou o lugar onde elas vivem/viveram. Também serão utilizadas fotografias do acervo pessoal do autor, fotografias atuais de autoria dos moradores que representem o seu lugar. Os encontros poderão ser realizados aos finais de semana, quando há maior disponibilidade dos moradores, e serão alternados em ambas as comunidades. O número de encontros dependerá da conclusão das atividades propostas pelos/para os grupos.

## **CONTEXTUALIZAÇÃO DOS ESTUDOS RIBEIRINHOS**

O texto aqui apresentado, faz uma viagem por alguns conceitos e formas interpretativas com as quais os ribeirinhos têm sido abordados em estudos geográficos ou das ciências sociais na Amazônia. A proposta é contribuir para nossa discussão levantada na problematização desta pesquisa. Grande parte dos estudos sobre os ribeirinhos não consideram suas relações



intersubjetivas com a várzea e acabam mostrando o ribeirão muito mais pelo olhar do observador/pesquisador e menos pela percepção dos próprios sujeitos.

Podemos encontrar diversos estudos sobre o que convém aqui chamarmos de ribeirinhos, principalmente quando consideramos o amplo grupo de povos, que possam enquadrar-se em tal denominação, e conseqüentemente, não é difícil imaginar que haja diferentes abordagens sobre esses povos nas ciências sociais. Cabe diferenciar o ribeirão do qual estamos falando, de sujeitos que têm habitado historicamente as margens dos rios e demais cursos d'água no interior da Amazônia, cujas vidas, em última análise, são em parte embaladas pelo ritmo de subida e descida das águas dos rios. Seus afazeres domésticos, sua vida social, o trabalho familiar nas roças, caças ou pescarias, tudo parece estar cercado por um movimento de pausa e de continuidade em função das dinâmicas ambientais que o cercam.

Alguns estudos têm dedicado atenção às relações históricas do homem com meio físico das várzeas. Fraxe, Pereira e Witkoski (2007), demonstram a preocupação em caracterizar a adaptação das populações ribeirinhas às peculiaridades ambientais das várzeas do Solimões-Amazonas. E vão além, caracterizam a várzea como uma paisagem “anfíbia”, em função de todo o ambiente está permeado pela dinâmica das inundações periódicas dos rios.

Estas inundações periódicas fazem da várzea uma paisagem “anfíbia”. Durante um período do ano (4 a 5 meses), a maior porção dessa planície esta submersa e faz parte do ambiente aquático; em outro período, participa do ambiente terrestre. A falta de sincronização entre o regime fluvial e o regime pluvial (chuvas) faz com que existam quatro “estações climáticas” no ecossistema de várzea, que regulam o calendário agrícola: a enchente (subida das águas), a cheia (nível máximo das águas), a vazante (descida das águas) e a seca (nível mais baixo das águas). Nesse ambiente, constantemente submetido a fortes estresses, a biota e o homem amazônico desenvolveram os mais variados comportamentos adaptativos (PEREIRA, 2007, p. 15).

Desenvolver um comportamento adaptativo mostra uma resposta frente aos períodos dos domínios aquáticos e terrestres, bem como aos desafios impostos pelo ambiente de várzea ao longo do ano. Na visão do autor, o caráter anfíbio faz da várzea um ambiente todo adaptado, incluindo a biota e próprio homem.

Numa perspectiva climática-ambiental fazendo o uso dos termos resiliência e adaptabilidade Nascimento (2017), ao estudar a várzea do município do Careiro-AM, numa preocupação com as grandes variações dos níveis dos rios, que acabam por influenciar nas comunidades ribeirinhas, deixando-as mais vulneráveis devido à frequência e intensidade hidrológicas extremas. “Os danos causados por eventos como cheias e vazantes extremas, nos



sistemas socioecológicos ribeirinhos, têm se refletido no aumento da vulnerabilidade desses sistemas, devido ao aumento da intensidade e da frequência desses episódios durante as primeiras décadas deste século” (NASCIMENTO, 2017, p. 81).

Em outro estudo na várzea do Careiro, Matos (2014) aborda as transformações, perdas e a construção do lugar a partir do espaço vivido dos moradores da comunidade de Miracauera. Numa linha fenomenológica e dardeliana o autor buscou descrever o modo de vida dos moradores por meio da observação participante. Matos (2014, p. 18) ao refere-se aos pressupostos teóricos e metodológicos de sua pesquisa enfatiza:

Conforme Holzer (2010, p.37) “Relph (1970) foi o primeiro autor a relacionar uma série de possibilidades de utilização da fenomenologia pela Geografia”. Para Holzer (2010, p.38) “a fenomenologia era definida como a filosofia dos mundos vividos da experiência humana”. Por isso entendemos que se faz necessário estar com a população local durante a pesquisa, considerando a abordagem fenomenológica como pressuposto para vivenciar os fenômenos, sendo fundamental na compreensão da relação ser-mundo, entendendo a representação do Lugar no cotidiano do morador da várzea e a questão simbólica nas representações sociais, para haver uma compreensão da relação de modo de vida ribeirinha e sua organização social, valorizando as experiências do morador com o Lugar a partir de seus relatos tendo a fenomenologia como base para entendimento dessa relação estabelecida com o lugar, pois os moradores compreendem melhor o seu lugar.

Sobre a opção pela abordagem fenomenológica Matos (2014, p.18-19) argumenta:

Buscamos na fenomenologia uma base para compreensão do lugar e as relações estabelecidas por quem o experiencia onde “o lugar é produzido no dia a dia na relação de trabalho, afetividade, de rejeição, de circulação, de produção de ideias, etc.” (NOGUEIRA, 2001, p. 29). Nesse contexto, a pesquisa buscou uma concepção de lugar de acordo com as experiências do morador. Conforme Nogueira (2001, p.15) “este conhecimento é dado por todo o ser que vive no mundo, o ato de perceber revela o mundo tal qual ele é”. Há de se ressaltar também o simbolismo do lugar e a maneira como o morador local se apropria dos recursos promovendo uma relação de reprodução de uma sociedade local baseada nos recursos ali encontrados e a percepção dos fenômenos existentes na natureza onde há uma reconstrução constante da paisagem. Podemos caracterizar a área do Careiro da Várzea como “espaço da água que implica um domínio baseado na mobilidade e fluidez” (CARDOSO & NOGUEIRA, 2005, p.2).

Não queremos aqui traçar comparações sobre formas de abordagens da vida ribeirinha, nosso objetivo é antes fazer uma breve exposição sobre estudos, que mesmo com aportes teóricos e metodológicos diferentes não deixaram de relacionar homem-meio ou homem-



mundo. Nos cabe, entretanto, propor abordagens que nos permitam a imersão no mundo desses sujeitos para além dos seus modos de vida e de sua capacidade de adaptação e resiliência. O que escolhemos tratar nesse texto foi a possibilidade de compreensão de como se forma o que chamamos de “identidade ribeirinha” (por meio de sua geofricidade e sua lugaridade), como ela nasce ou se mantém ao longo do tempo.

## BREVES CONSIDERAÇÕES

Interessa-nos compreender como a identidade ribeirinha, no médio rio Amazonas, manifesta-se por meio das relações intersubjetivas com seu ambiente, a várzea. O caminho que estamos trilhando por meio da pesquisa participante, da convivência, da escuta e da percepção dos ribeirinhos por meio da elaboração dos mapas mentais, nos permitirá a compreensão do *ser no mundo ribeirinho*.

O lugar de existência dos ribeirinhos traduz muito de sua vida, de suas experiências com esse espaço. Podemos contribuir por meio dos estudos geográficos com o conhecimento acerca do mundo vivido dos homens e mulheres que possuem intensa relação com os rios na Amazônia, utilizando formas de abordagens que permitam aos sujeitos falarem de seu mundo e, a partir dessa experiência, podermos construir nosso entendimento das geografias da várzea.

## REFERÊNCIAS

BATISTA, Antonio Carlos Batista de. Ambiente e vida regional ritmado pela várzea no complexo Solimões-Amazonas. **REVISTA GEONORTE**, v. 3, n. 5, p. 91 - 102, 12 nov. 2012. Disponível em: < <https://www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/revista-geonorte/article/view/2061>>. Acesso em: outubro de 2021.

BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia: Formação Social e Cultural**. 3. ed. Manaus: Editora Valer, 2009.

BRASIL, João Bosco dos Santos. **Mulheres pescadoras da várzea do município de Parintins – AM: a pesca do camarão nas comunidades da Brasília e Catispera**. 2015. 110 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2015. Disponível em: < <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/5017>>. Acesso em: novembro de 2021.

CRUZ, Manuel de Jesus Masulo da. **Territorialização camponesa na várzea da Amazônia**. 274 p. (Tese de doutorado. Doutorado em Geografia Humana da Universidade de São Paulo). São Paulo: USP, 2007.

Dardel, Éric. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. (Trad. Werther Holzer). São Paulo: Editora Perspectiva, 2011.



DEMO, Pedro. Metodologia científica em ciências sociais. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto. **Homens anfíbios**: etnografia de um campesinato das águas. São Paulo: Annablume, 2000. 192p.

FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto; PEREIRA, Henrique dos Santos; WITKOSKI, Antônio Carlos (org.) **Comunidades ribeirinhas amazônicas**: modos de vida e uso dos recursos naturais /, - Manaus: EDUA, 2007. 224 p.

HOLZER, Werther. Sobre territórios e lugaridades. **Cidades**. P 18-29. v. 10, n. 17 (2013). Disponível em: <<https://revista.fct.unesp.br/index.php/revistacidades/article/view/3232/2746>>. Acesso em novembro 2020.

MATOS, Jônatas de Araújo. **A organização sociocultural e o modo de vida na comunidade Miracauera, Paraná do Careiro (Município de Careiro da Várzea - AM)**. 129 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2014. Disponível em: <<https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/3980>>. Acesso em: novembro de 2020.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

NASCIMENTO, Ana Cristina Lima do. **Resiliência e adaptabilidade dos sistemas socioecológicos ribeirinhos frente a eventos climáticos extremos na Amazônia Central**. 2017. 134 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 2017.

NASCIMENTO, Dilson Gomes. **Entre a terra e a água**: modo de vida camponês no médio Rio Amazonas, Parintins-AM. 2016. 187 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2016. Disponível em: <<https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/5354>>. Acesso em: julho de 2021.

NODA, Sandra do Nascimento. Org. **Agricultura Familiar na Amazônia das Águas**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007.

NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. Geografia e a experiência do mundo. **GEOGRAFIA**. V. 45. N 1. Jan./Jun. 2020.

\_\_\_\_\_. Lugar e cultura: a produção da vida no Careiro da Várzea-AM. **Revista ACTA Geográfica**, ANO I, n°2, jul./dez. de 2007. p.85-95. Disponível em: <<https://revista.ufr.br/actageo/article/view/183/356>>. Acesso em: novembro de 2020. DOI: 10.5654/actageo2007.0102.0006

\_\_\_\_\_. **Mapa mental**: recurso didático no ensino de geografia no 1º grau. 208p. Dissertação de mestrado (Programa de Pós-Graduação em Geografia Física. Universidade de São Paulo). São Paulo, 1994.

\_\_\_\_\_. **Percepção e representação gráfica**: a geofricidade nos mapas mentais dos comandantes de embarcações no Amazonas. Manaus: Edua, 2014.



PEREIRA, Henrique dos Santos. A dinâmica da paisagem socioambiental das várzeas do rio Solimões-Amazonas. P 11-30. In: FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto; PEREIRA, Henrique dos Santos; WITKOSKI, Antônio Carlos (org.) **Comunidades ribeirinhas amazônicas: modos de vida e uso dos recursos naturais** / - Manaus: EDUA, 2007. 224 p.

SANTOS, Aline Da Paixão Prezotto. **Corpo-natureza-cultura numa várzea amazônica: um estudo das experiências vividas por ribeirinhos com o fenômeno das terras caídas em São Ciríaco do Urucurituba/Santarém-PA**. 239p. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação Tecnológica, Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Natureza e Desenvolvimento. Santarém, 2020.